



## **ARQUITETURA MODERNA EM MACEIÓ-AL: notas sobre história, preservação e reconhecimento.**

**CASSELLA, TAMIRES. (1); OLIVEIRA, ROSELINE. (2)**

1. Doutoranda da Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.  
tamiresacassella@gmail.com

2. Profa. Dra. da Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo.  
roseline@fau.ufal.br

### **RESUMO**

Este artigo versa sobre um fragmento de paisagem que marcou um momento de intensa transformação da cidade de Maceió, Alagoas, envolvendo a chegada de arquitetos, a construção de edifícios e inúmeras intervenções urbanísticas. Trata-se de um legado construído durante os primeiros anos da segunda metade do século XX que se constitui não apenas de casas, clubes e ruas de caráter retilíneo, mas também de um desejo incipiente de mudar e progredir que rendeu, por exemplo, a criação do primeiro Curso de Arquitetura e Urbanismo do Estado. As representações físicas dessa forma de pensar estão sumindo e com elas também vão rastros da complexa e convincente contribuição de arquitetos e projetistas modernistas no campo do saber, os quais preconizaram a dissolução de categorias como erudito e vernacular, material e imaterial, quando se trata da construção e apropriação do patrimônio. Isso foi percebido com base em uma investigação de nível dissertativo que envolveu, para além de revisão de literatura, uma avaliação física de parte das edificações reconhecidas como modernistas da cidade, bem como um estudo do reconhecimento dessas obras por estudantes de arquitetura de faculdades sediadas na cidade, acessados através de um questionário virtual. Buscou-se entender, assim, que importância essa parcela da sociedade dá para a arquitetura moderna e, com a visita *in loco* a edifícios construídos entre o período de 1955 e 1963, foi possível perceber suas situações contemporâneas em termos de estado físico e reconhecimento.

**Palavras-chave:** Preservação; Arquitetura Moderna; Valorização – Patrimônio.

### **ABSTRACT**

*This article deals with a fragment of landscape that marked an intense transformation moment in the city of Maceió, Alagoas, involving the arrival of architects, the construction of buildings and many urban interventions. It is a legacy built during the early years of the twentieth century's second half which consists not only by houses, clubs and streets of a straight character, but also by a desire to develop and progress that has resulted, for example, in the creation of the first Architecture and Urbanism Course in the State. The physical representations of this way of thinking are disappearing and with them also fade away traces of the complex and convincing contribution of modernist architects and designers in this field of knowledge, who advocated the dissolution of categories such as erudite and vernacular, material and immaterial, when it comes to the construction and appropriation of heritage. This was noticed based on a research that involved, in addition to a literature review, a physical evaluation of part of the buildings recognized as modernist in the city, as well as a study of their recognition by architecture students from colleges based in Maceió and accessed through a virtual questionnaire. We sought to comprehend, therefore, what importance this portion of society understands modern architecture has and, with the on-site visit to buildings constructed between 1955 and 1963, it was possible to see their contemporary situations in terms of physical state and its recognition.*

**Key words:** Preservation; Modern Architecture; Heritage - Appreciation.

## **A construção de um legado**

Imaginemos, de uma maneira grosseira, a arquitetura produzida antes do século XX. Se nos detivermos apenas ao contexto da cultura ocidental, uma avalanche de formas nos vem à cabeça – capitéis, frontões, frontispícios, cúpulas, platibandas, torres... Descrevê-las resultaria em páginas e páginas de textos. As informações poderiam se perder na imensidão de detalhes...

Esses elementos marcam a história da arquitetura e o desejo pela inovação, de dar forma a um pensamento que, muitas vezes, encontrou no passado a expressão da diferença. Sobre o tema da Modernidade em arquitetura, pode-se discorrer por incontáveis linhas de palavras sobre a questão do “vestígio” e da “repetição”, apenas revisando as feições de construções produzidas ao longo do tempo, como os do Renascimento e os edifícios pós 1789, marcados por uma retomada de consciência – a busca por uma outra maneira de pensar, o desejo pelo novo.

Depois de Alberti, Boullée, Ledoux e Viollet-le-Duc, o "novo" acontece novamente. A mudança foi brusca e forte. Tão forte que exemplares arquitetônicos das primeiras décadas novecentistas até hoje nos parecem atuais, levando-nos inegavelmente a revisar não apenas os padrões formais até então (re)criados, como também a pensar sobre o significado da síntese, do pouco, do suficiente, que os modernos trabalharam em seus aforismas, croquis e edifícios.

Por outro lado, até onde iria tal inovação? O que dizer dos eixos do plano urbanístico de Brasília que carregam o traço da experiência clássica romana do Cardo e Decumano – duas linhas que se cruzam perpendicularmente? Ou acerca da Arquitetura Deconstrutivista cujo formalismo mostra trazer em si o desprezo pelo ornamento, tal como fizeram os modernos?

A produção do espaço se consolida em torno de movimentos constantes e a aparente continuidade que se manifesta na arquitetura ao longo do tempo é fruto de apropriações particularizadas e que, por esse motivo, a produção humana carrega sempre um vestígio do passado, mas ela é sempre outra na repetição. Mudar, transcender, diferenciar-se é mesmo um risco irresistível e, porque não dizer, inevitável, da produção do espaço.

Assim, quando uma postura arquitetônica surge, ela não é um fim em si mesma. Tem raízes em momentos anteriores de sua consolidação, como também sua memória não é simplesmente apagada quando se dá um passo à frente desse movimento. A arquitetura traz um rastro de memória, como teorizou Jacques Derrida em sua Gramatologia (2008), e praticaram vários arquitetos modernos no Brasil.

A paisagem edificada de Maceió, capital de Alagoas, se insere no contexto de instauração dessa ambiciosa forma de pensar dos modernos, os quais se depararam com o desafio de lidar com a natureza. Repetem ações que se consolidaram de uma maneira incipiente, porém, de extrema coragem. Desde a sua situação geográfica – uma faixa de terra entre o mar e a lagoa, cortada por uma expressiva rede hídrica - até sua toponímia que significa “o que tapou o alagadiço”, a cidade carrega em sua paisagem fortes marcas que envolvem o espaço aquático. Um dia, no seu começo, essa atmosfera foi repelida pelos princípios higienistas e Maceió buscou vencer seu destino de ilha. Para isso, os engenheiros pavimentaram, criaram estradas, conectaram espaços e construíram edifícios constrangidos ao cúbico para superar a fisionomia suburbana como Lucio Costa adjectivou a capital nos anos de 1926 – “Olhei para tudo e nada vi, nada que prendesse a atenção. Nada sobressai do resto” (COSTA, 1995, p.34).

Mais tarde, chegam à cidade os estrangeiros modernos, os quais percebem, nesse cenário de terra virgem, uma oportunidade de experimentar, tal como Lina Bo Bardi percebeu quando desembarcou no Brasil no contexto do pós guerra trazendo uma experiência inovadora e inconformista. A arquiteta encontrou na paisagem do Rio de Janeiro mudanças promovidas por Lucio Costa e outros companheiros, como o prédio do Ministério que, branco e moderno, flutuava como um navio perante a baía da Guanabara. Para Lina, ele fixava o “esforço humano” frente à natureza (BARDI, 1993, p.12).

Tal esforço vai também pairar na ideia de novos projetistas e arquitetos que passam a atuar em Alagoas, intentando construir outra trajetória, diferenciada na produção da arquitetura local. “Pavimentação é progresso”, discursa o governador Arnon de Mello diante da Assembleia Legislativa em 1954. Vencendo os alagadiços e firmando-se como espaço urbano, Maceió vê surgir sua principal e primeira avenida em alameda (figura 1). Se as residências ainda se conformam no padrão

neocolonial, praças e canteiros assumem o perfil geometrizado. A Universidade adere ao Moderno não apenas criando os cursos de Direito, Engenharia e Arquitetura, mas também incorporando a ideia de mudança à feição de suas sedes.



Figura 1. Início dos trabalhos para a abertura da Avenida Fernandes Lima, nos anos de 1930.  
Fonte: Museu da Imagem e do Som de Alagoas.

Apesar do Modernismo, em boa parte do Brasil, ter tido destaque a partir dos anos 1930, foi somente na segunda metade da década de 1950 que esse movimento ganhou força em Alagoas. Na capital, a arquitetura moderna pode ser encontrada em projetos de igrejas, prédios públicos, praças, grandes mansões das famílias de alta renda e até nas casas mais populares. “O período de 1950 a 1960 é o de maior modernização arquitetônica do Estado” (AMARAL, 2009, p. 107) e, nessa época, ocorreu a construção de edifícios com mais de quatro pavimentos, como o Edifício Breda (figura 2), de 1958, que possui dez.



Figura 2. À esquerda, a fachada principal do Edf. Breda e à direita, uma vista interna do primeiro pavimento da edificação. Fonte: Acervo de Tamires Cassella, 2020.

Vinda de Recife-PE, a arquiteta Zélia Maia Nobre chega a Maceió com pretensões de atuar dentro de uma concepção moderna e encontra, especialmente nas residências, uma forma de dar visibilidade a essa produção. Porém, dentre essas novas obras da cidade que conseguem ultrapassar suas fronteiras estão as de autoria de Lygia Fernandes. Contemporânea de Maurício Roberto, Francisco Bolonha, Acácio Gil Borsóí, e outros colegas da Faculdade Nacional de Arquitetura do Rio de Janeiro, seu trabalho produzido em Alagoas é difundido em revistas como a francesa *L'Architecture d'aujourd'hui*.

Mas, diferentemente de outros lugares do Brasil e do mundo, onde exemplares modernistas têm um valor inquestionável e único, o patrimônio deste movimento no Estado de Alagoas não se mostra tão reconhecido como o de outras épocas mais distantes. Um exemplo disso é que, dentre todas as edificações tombadas pelo Estado, apenas uma, o Sindicato dos Trabalhadores, é moderna, tendo seu tombamento ocorrido muito mais em razão do simbolismo político do prédio, no caso a força sindical, do que de sua representatividade arquitetônica (AMARAL, 2009).

Esse quadro insinua que a situação desse legado edificado que fez Maceió participar da dinâmica universal do desejo pelo novo, que marca um momento

expressivo de sua história e qualifica o percurso de sua construção paisagística, parece ser incompreendido e, muitas vezes, irreconhecível.

### **Arquitetura Moderna: um não-patrimônio para futuros arquitetos**

Há décadas tem-se a discussão sobre a preservação patrimonial, relativamente a que devem ser preservados “os bens significativos à determinada comunidade, independente do período temporal ou estilo artístico que possuem” e “para que a Arquitetura Moderna seja passível de preservação é preciso compreender as significações admitidas pela população a estes bens, verificando a sua relação para com a formação da identidade cultural do lugar” (AMARAL, 2009, p.52-53). Dessa forma, o valor artístico, histórico, cultural ou afetivo é atribuído a certos edifícios ou conjuntos deles porque representam mais do que apenas eles mesmos, fazendo com que sejam instrumentos de ativação de uma memória coletiva.

Sobre o entendimento dessa expressão, Maurice Halbwachs destaca a relevância dos diferentes pontos de referência, enquanto base para a estruturação da nossa memória e, a partir disso, para o fortalecimento da memória da coletividade da qual fazemos parte. Dentre esses marcos referenciais, evidenciam-se os monumentos, a arquitetura, as paisagens, as datas e personagens históricos, as tradições e costumes, o folclore e a música, e outras inúmeras manifestações e eventos os quais, felizmente, já encontram espaço em iniciativas como as dos Inventários Nacionais de Referências Culturais movidos pelo IPHAN. Assim, posteriormente, é possível se aproximar desses distintos indicadores empíricos da memória coletiva de um grupo em particular, memória esta que, ao delinear o que é coletivo e o que o distingue dos demais, fundamenta e consolida o sentimento de pertencimento e as fronteiras sócio-culturais (POLLAK, 1989).

O impulso de preservar o passado é parte do impulso de preservar o eu. Sem saber onde estivemos, é difícil saber para onde estamos indo. O passado é o fundamento da identidade individual e coletiva; objetos do passado são a fonte da significação como símbolos culturais. A continuidade entre passado e presente cria um sentido de sequência para o caos aleatório e, como a mudança é inevitável, um sistema estável de sentidos organizados nos permite lidar com a inovação e a decadência. O impulso nostálgico é um importante agente do ajuste à crise, é o seu emoliente social, reforçando a identidade nacional quando a confiança se enfraquece ou é ameaçada. (HEWINSON, 1987 apud HARVEY, 1992, p. 85).

A contraparte da memória é o esquecimento, possibilidade que, ao se tratar de bens representativos da coletividade, deve ser tratada para diminuir seus efeitos: não haverá memória se não houver um impulso que eduque, geração após geração, de forma que possamos reconhecer os laços que conectam essas edificações às intenções, preservação e construção de referências.

Há um pouco mais de cem anos, Alois Riegl já nos alertava que a característica pela qual os monumentos eram mais venerados à época relacionava-se ao “valor da idade”, isto é, a lembrança de um sentido geral da passagem do tempo, e não por qualquer conhecimento histórico específico que eles possuam (FORTY; KUCHLER, 2001). Dessa forma, seriam esses os monumentos de maior valor dentro da memória coletiva e, por conseguinte, merecedores de serem protegidos para as próximas gerações.

Felizmente ou infelizmente, esquecer e lembrar no campo da preservação do patrimônio muitas vezes acontecem por decisões nem sempre abstratamente compreendidas... Mas, a feição que se tem de patrimônio arraigado a um passado distante aparece ainda como um dos grandes entraves enfrentados pela memória da arquitetura moderna. Por carregarem uma aparência mais familiar à produção contemporânea, com linhas contínuas, simplicidade volumétrica e ausência de rebuscamento decorativo comuns às épocas mais distantes, parte da sociedade não percebe o afastamento temporal que parece justificar a ideia de monumento a ser preservado, chegando a, inclusive, desvalorizá-lo.

Esse afastamento temporal, mesmo quando ilusório, em se tratando de edificações mais recentes que apresentam características clássicas e, portanto, aparentam ter mais idade, é um fator muito presente no que diz respeito ao reconhecimento patrimonial de um bem. Exemplo disso pode ser observado na Associação Comercial de Maceió, edificação eclética, inaugurada em 1928, mesmo ano em que foi construída a primeira casa modernista em São Paulo. Ao colocarmos as duas obras lado a lado, certamente a opinião da maioria é a de que o prédio alagoano é mais antigo que o paulista, baseando-se apenas em sua feição física. Diante disso, algumas construções se sobressaem através de seus elementos representativos e trazem uma ideia de que é o “antigo” que merece ser preservado. (CASSELLA, 2021, p. 15)

Assim, ao mesmo tempo em que intelectuais e arquitetos da época lutaram pelo sucesso do Movimento Moderno, já em 1991 era perceptível a desafeição com a preservação dos exemplares do estilo em questão no Estado:

Em Alagoas já se percebe a depauperação do acervo de obras modernas sem que este fato provoque a ação dos órgãos incumbidos de zelar pelo patrimônio local, como também da população de uma forma geral, incluindo os proprietários das construções referidas. O resguardo da memória do trabalho dos homens expresso na compilação de informações acerca deste trabalho – não ocupa obviamente o lugar do testemunho vivo, ou seja, a manutenção do próprio objeto arquitetônico que no caso moderno está a dissolver-se no ritmo das permutas contemporâneas sofridas no espaço das cidades. (SILVA, 1991, p. 14).

Atualmente, diversas são as condições em que os edifícios modernos maceioenses se encontram. Dos 15 exemplares que foram construídos entre 1955 e 1963<sup>1</sup>, apenas uma minoria apresenta-se preservada quando observados os aspectos físicos e de manutenção de seu formalismo.

Dentre os exemplares desse recorte temporal, alguns edifícios tiveram elementos formais substituídos e/ou incorporados aos seus volumes, como é o caso do Colégio Marista (figura 3), no qual, por exemplo, foram adicionadas grades às suas esquadrias externas que não integravam a composição de volume original. Outras obras ainda mantêm sua fisionomia tal como fora concebida, mesmo apresentando mutilações em muitos de seus fragmentos, a exemplo do Edifício Breda, o primeiro prédio com mais de seis pavimentos construído na cidade e já demonstrado anteriormente.



Figura 3. Fachada do Colégio Marista em 1980 (esquerda) e em 2017 (direita).

<sup>1</sup> 1. Colégio Marista de Maceió, 1962, José Nobre / 2. Antigo Centro de Saúde da Maravilha, 1959, Joffre Saint'Yves Simon / 3. Sociedade de Medicina de Alagoas, 1956, Lygia Fernandes / 4. Edf. São Carlos, 1960, Walter de Azevedo Cunha / 5. Antigo ginásio do Colégio Élio Lemos, 1958, Joffre Saint'Yves Simon / 6. Edifício Breda, 1958, Walter de Azevedo Cunha / 7. Parque Hotel, 1957, Zélia Maia Nobre / 8. Antiga reitoria da UFAL, 1961, Zélia Maia Nobre / 9. Edifício Walmap, 1963, Israel Barros de Correia / 10. Residência Ruth Nogueira, 1959, Ivo Lyra / 11. Antigo Alagoas late Clube, 1960, Zélia Maia Nobre / 12. Antiga residência da arquiteta Zélia Maia Nobre, 1960, Zélia Maia Nobre / 13. Residência Afonso Lucena, 1963, Ivo Lyra / 14. Edifício Muniz Falcão, 1963, Joffre Saint'Yves Simon / 15. Antiga AABB, 1960, Israel Barros de Correia.

Fonte: Biblioteca do Colégio Marista e acervo de Tamires Cassella, respectivamente.

Porém, muitas das edificações desse conjunto estão arruinadas. Dentre elas, encontra-se o antigo Alagoas late Clube, popularmente conhecido como Alagoinha (figura 4), fruto de um concurso público nacional nos anos 1960, vencido pela supracitada arquiteta Zélia Maia Nobre. Nos últimos anos, o edifício foi foco de inúmeras discussões acerca de sua preservação, sediando protestos contra a sua demolição e, em seu lugar, a instalação de um novo “marco referencial” de Maceió. Apesar disso, desde 2017 há um projeto em andamento para a revitalização do espaço e a inserção de tal novo “marco”. Suas colunas de sustentação as quais, antes da intervenção atual, encontravam-se em estado físico deplorável, são os únicos elementos restantes do que, até bem pouco tempo atrás, fora um expressivo símbolo da cidade. Ainda assim, vale ressaltar que sua toponímia se mantém enquanto referência de localização na orla marítima maceioense.

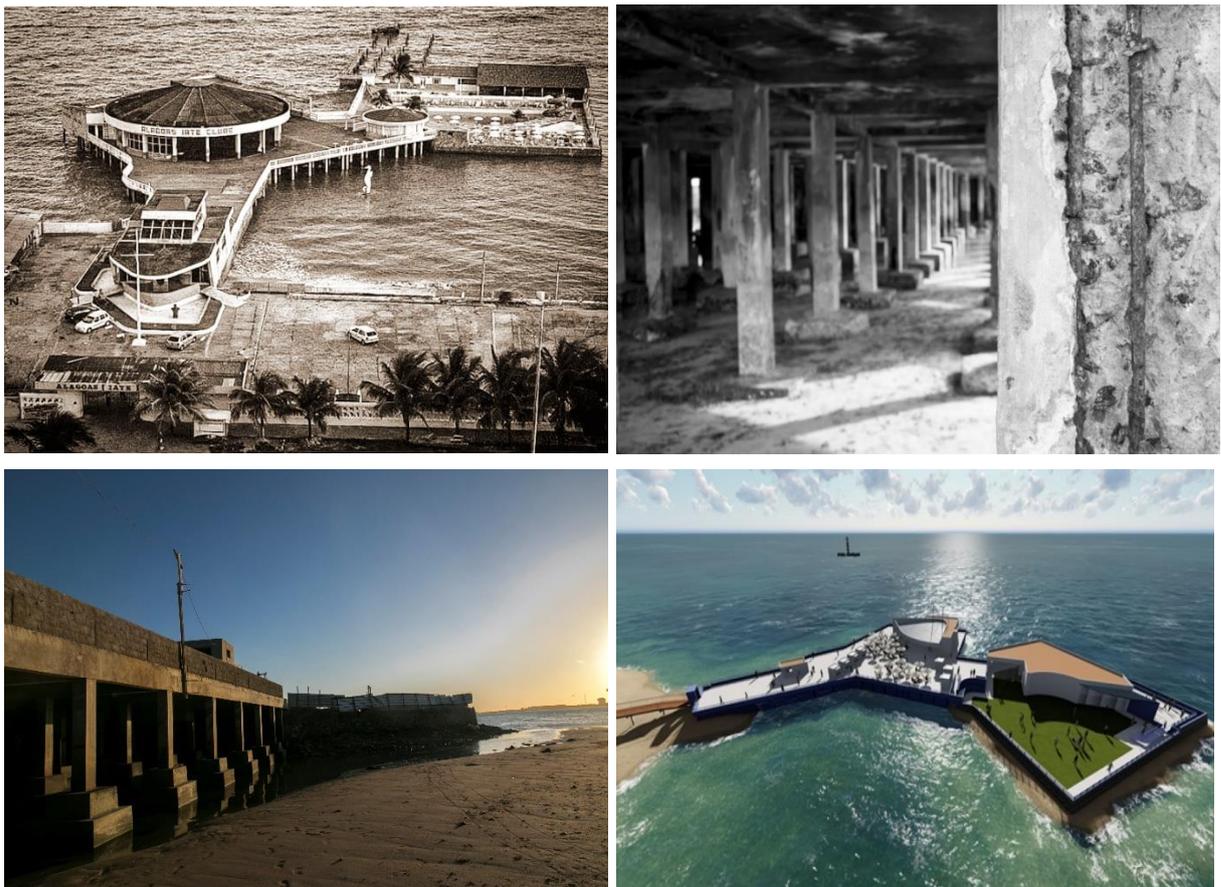


Figura 4.O Alagoas late Clube através do tempo: quando ainda em uso, no início dos anos 2000; parte de suas ruínas, em 2017; em meio à intervenção e construção do novo marco referencial, 2021; a proposta para o projeto do novo marco referencial. Fonte: <<https://bit.ly/3hv2rdo>> acesso em: 18/05/2021; acervo de Tamires Cassella, 2017; acervo de Tamires Cassella, 2021; <<https://bit.ly/3v0b0R9>> acesso em: 18/05/2021, respectivamente.

Outro exemplar em decadência é a antiga residência da arquiteta Zélia Maia Nobre, a qual se encontra na iminência do desaparecimento. A casa está isolada por uma cerca e apenas a sua fachada ainda está de pé, posto que seu interior já foi todo demolido. Vale ressaltar a importância que esta edificação teve enquanto referência no processo de formação dos primeiros estudantes de arquitetura do Estado, pois, segundo relatos, eles frequentavam a casa para usar a biblioteca particular da arquiteta que era também docente do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UFAL, na época, ainda desprovido de sede. Sendo assim, além de ter fundado o curso, a arquiteta abria sua residência para que os acadêmicos vivenciassem e frequentassem uma arquitetura genuinamente modernista ao mesmo tempo em que este Movimento era assunto em livros e revistas de todo mundo.

De maneira semelhante em termos de integridade física, encontra-se a antiga Associação Atlética do Banco do Brasil, prédio que sediou vários outros usos com o passar dos anos, a exemplo da Associação dos funcionários da Telasa e sede de operadora de telefonia móvel. Fechado e abandonado há muitos anos, o espaço está desamparado e apresenta drásticas mudanças em suas feições físicas. O único elemento que ainda remete ao antigo clube é a cobertura em casca do lado esquerdo do edifício.

Já a antiga residência Afonso Lucena (figura 5), projetada por Ivo Lyra em 1963, foi selecionada como uma Unidade Especial de Preservação do município, medida de proteção aos edifícios isolados e instituída através do Plano Diretor da cidade em 2005. Esta, porém, veio sendo mutilada com o passar dos anos até que, entre o final de 2018 e o início de 2019, foi completamente demolida sem maiores explicações. O seu painel cerâmico, criado pelo artista pernambucano Abelardo da Hora, foi retirado da estrutura antes de tal ato e aplicado ao muro lateral do terreno, sendo o único elemento que ainda resiste da casa.



Figura 5. A antiga residência Afonso Lucena através do tempo: enquanto ainda em uso; já abandonada, mas ainda preservando sua conformação física, 2017; completamente mutilada, 2018; o terreno após sua demolição, mantendo apenas o painel de azulejos do lado esquerdo do terreno. Fonte: Grupo RELU – FAU/UFAL; acervo de Tamires Cassella; 2017; acervo de Rafaela Carvalho, 2018; acervo de Tamires Cassella; 2020, respectivamente.

As situações desses edifícios nos traduzem uma retórica da perda. Não se está falando apenas de respeito à integridade física e de fidelidade ao projeto original, mas da falta de cuidado com uma parte de Maceió que a faz especial no que tange à narrativa de sua paisagem física e histórica. O que podemos pensar e discutir diante do estado de arruinamento da própria residência moderna da arquiteta modernista? E da reconfiguração e reformas do Parque Hotel (figura 6), uma de suas mais significativas obras não apenas em termos de proposta arquitetônica, mas também tipológica e simbólica da própria modernização da cidade? Diante dessas tantas modificações, deixou ele de ser moderno?

Várias podem ser as razões da condição contemporânea de arruinamento da Arquitetura Moderna em Maceió. Dentre elas, o desafio que aparece determinante diante da atuação dos arquitetos e órgãos preservacionistas, qual seja, o de como manter vivo um legado irreconhecível e como compatibilizar sua manutenção e as novas demandas, especialmente quando se trata de edifícios de posse privada e todas as pressões do mercado imobiliário cujas motivações se mostram bem distantes das questões relativas ao patrimônio cultural:

Ao voltar os olhos para o século XX e destacar a perda de arquiteturas tão jovens, particularmente quando comparadas às magníficas edificações milenares que identificam culturas e nações, quero ressaltar que uma parte da identidade nacional está inexoravelmente ligada à produção arquitetônica modernista em suas diversas manifestações e que seu prematuro desaparecimento compromete a própria construção dessa identidade, necessária para o reconhecimento dos outros e de nós mesmos. Permanece, também, o interesse de demonstrar como os órgãos responsáveis pela proteção do patrimônio arquitetônico raramente reconhecem essa arquitetura recente, provavelmente porque seus olhos cansados só conseguem ver o que distante de si está, ou seja, o valor de anciandade ainda prevalece como propriedade necessária à proteção patrimonial. (AMORIM, 2007, p. 13)





Figura 6. O antigo Parque Hotel, projeto de Zélia Maia Nobre, em pleno funcionamento; um fragmento da fachada do mesmo, quando já abandonado, mas ainda preservando muitos elementos originais; a fachada atual do prédio, completamente modificada em reforma recente. Fonte: Fotografia de Japson Almeida; acervo de Tamires Cassella; 2017; acervo de Tamires Cassella; 2021, respectivamente.

Essa situação denuncia um esvaziamento de compreensão acerca dos significados desse conjunto edificado. Tal justificativa foi sugestionada também pelos resultados de uma consulta feita a estudantes dos cursos de Arquitetura e Urbanismo sediados no Estado. Como parte da tentativa de entender qual o nível de importância da arquitetura moderna para habitantes locais, foi elaborado um questionário virtual respondido, na ocasião, por 70 alunos de diferentes períodos dos cursos de Arquitetura e Urbanismo de três instituições de ensino superior de Maceió. Nele, foram elaboradas 6 questões<sup>2</sup> que buscaram relacionar o nível de importância da arquitetura moderna em comparação à antiga. Dentre as abordagens da pesquisa, enfocaram-se: as afinidades estilísticas e exemplares para preservação da arquitetura em geral, e conhecimento específico sobre a arquitetura e arquitetos modernos, desde a identificação de edifícios na cidade até nome de arquitetos que projetaram obras modernas em Maceió.

Os dados coletados indicaram a forte proximidade dos participantes com a arquitetura eclética, na medida em que edifícios como o do Teatro Deodoro e o Museu Théo Brandão (figura 6) foram citados como referência afetiva, ao passo que as respostas das questões específicas ao contexto do Movimento Moderno em

---

<sup>2</sup> 1. Com qual dessas edificações da cidade de Maceió você mais se identifica? / 2. Selecione três das edificações abaixo que devem ser preservadas no seu ponto de vista. / 3. Qual arquiteto abaixo fez parte do movimento moderno alagoano? / 4. Quais dessas edificações você reconhece e lembra de ter visto pela cidade? / 5. Baseado nas características do Movimento Moderno, quais das imagens abaixo você classificaria como intervenções do modernismo em Maceió? / 6. Qual construção Moderna de Maceió, que não foi citada neste questionário, você conhece?

Alagoas denunciavam distanciamento. Por exemplo, o nome de Lygia Fernandes como arquiteta modernista foi referenciado por apenas 32% dos estudantes. A mesma porcentagem registrou adequadamente a questão sobre os elementos formais modernistas mais emblemáticos, resultado que foi muito abaixo do esperado.

A consulta também deu espaço para averiguar o nível de reconhecimento dos futuros arquitetos acerca dos edifícios modernos em Maceió, para além daqueles diretamente mencionados nas questões. Foram apontadas somente 10 dos mais de 40 exemplares existentes na cidade, porém menos de um quarto dos depoentes indicaram corretamente diferentes prédios modernos. Outra parte dos respondentes registrou edifícios concebidos em diversos momentos históricos, desde ecléticos até pós-modernos, como sendo modernistas e um pouco mais da metade dos depoentes nem responderam ao quesito (66% dos participantes).

Se para a população em geral pode ser mesmo difícil reconhecer a expressividade de uma linha reta e do arrojo do jogo de proporções configurado pela arquitetura da suficiência formalística que qualifica uma referência histórica da paisagem da cidade e toda a dinâmica que sua realização configura e representa, sua preservação se torna ainda mais complexa quando tão distante também se mostra da perspectiva do saber técnico que supostamente deveria carregar olhos perspicazes para encarar tal sutileza de leitura e entendimento...

### **Quando não preservar se mostra como uma decisão**

“As horas não ocorrem ao  
mesmo tempo em todos os cantos.  
Entretanto, cada canto tem a seu tempo  
as mesmas horas”  
(Jorge Cooper)

As palavras do poeta maceioense Jorge Cooper (1911-1991), que vivenciou o período de modernização da cidade, podem ser tomadas como síntese de como a dinâmica de um lugar acontece, como é a relação entre tempo e espaço e, por extensão, entre ideia e ação. O prédio da Associação Comercial de Maceió, de feições ecléticas, foi construído em 1928, portanto, dois anos após a visita de Lúcio Costa à cidade. Sob os olhos de quem pouco tempo depois projetaria a sede do

Ministério da Educação e Saúde no Rio de Janeiro – um ícone da Arquitetura Moderna no Brasil e do Mundo - o então “novo” edifício maceioense certamente configurou o rol de elementos que subsidiou a opinião do arquiteto sobre a cidade: suburbana. É bem provável que se tal visita tivesse ocorrido 30 anos depois, sua impressão fosse outra diante da “atitude alagoana” dos arquitetos e projetistas modernos que atuaram em Maceió durante a segunda metade do século XX.

A historiografia e os próprios edifícios enquanto documento, apesar da situação precária de seu estado físico, denunciam que Maceió estava fortemente inserida na busca por uma outra arquitetura, essencialmente influenciada pelo pensamento pós 1789, que deu ênfase à problemática da aparência. Por trás dessa linguagem compositiva, um ideal. Dentre os depoimentos da arquiteta Zélia Maia Nobre, a expressão - “Eu queria sair do antigo, não sabia como” - denunciava sua ambição de ser moderna enquanto movimento, projetando casas, clubes e criando faculdade. (SILVA, 1991, p. 110),

A Arquitetura Moderna em Maceió representa não só um conjunto de expressões formais que marcam uma determinada época, mas uma forma de pensar. Quando a superfície mais básica do pensamento sobre a arquitetura, ou seja, sua feição física mostra-se fragilizada, isso demonstra também uma dificuldade de compreender a complexidade da ideia que fundamenta tal materialidade. Se a condição de suas expressões formais hoje é comprovadamente marginalizada, como pode ser percebido com a consulta feita a futuros arquitetos, a sutileza de vê-la em seu sentido mais amplo e tudo o que se pode aprender com ela também aparece marginal.

Esse cenário de distanciamento mostra desperdício de aprendizado acerca das complexidades perceptivas que os modernos nos legaram. Foi o olhar moderno de Le Corbusier que lhe deu habilidades para associar o caráter autossuficiente de uma estrutura monástica de configuração milenar a um projeto de cidade para três milhões de pessoas.<sup>3</sup> Foi o olhar moderno de Lina Bo Bardi que encarou o dilema erudito x vernacular que caracterizou a busca de uma carta identitária na tentativa de localização das “origens” da cultura brasileira. Foi o olhar moderno de Mário de Andrade nos anos de 1930 que indicou ao extinto Serviço do Patrimônio Histórico e

---

<sup>3</sup> Segundo Alan de Botton, Le Corbusier entendia que “o que o homem moderno precisa é de uma cela de monge”. (BOTTON, 2007, p. 59)

Artístico Nacional SPHAN a importância dos conteúdos imateriais do patrimônio, declinados à época, mas hoje lembrados pela instituição. Foi o olhar moderno de Lucio Costa que preconizou o que Maceió teria de mais popularmente valorizado hoje ao negar a paisagem edificada na cidade e se render ao encantamento de seus ares de terra virgem: “Gostei, gostei muito mesmo (...) Paisagem de ilha abandonada, apesar dos pescadores e das velas, calma, sonolenta. Paisagem de aquarela” (COSTA, 1991, p.34).

Resguardar o patrimônio é uma árdua tarefa, exigindo um compromisso não somente dos órgãos de preservação, mas também da sociedade. Das instituições são cobradas a preservação dos bens de interesse cultural, que refletem a identidade de um grupo social. Contudo, como preservar um legado coletivo se a coletividade não o reconhece como tal? Não são mais raras as iniciativas governamentais, de órgãos fiscalizadores e executores, incluindo a universidade, que vêm trabalhando arduamente com a questão da educação patrimonial visando o incentivo ao reconhecimento do que se deseja conservar, para que, assim, as proteções deixem de ser emergenciais e passem a ser preventivas, possibilitando um incremento do olhar, para além do técnico, sobre o conjunto e processos possíveis de utilização a favor da permanência desses bens culturais.

Os estudantes de arquitetura acessados, porém, mostraram que a falta de conhecimento sobre essas edificações é um grande fator a favor da indiferença e, do abandono e, por extensão, do esquecimento. Afinal, como preservar e dar importância àquilo que não se conhece e, se se conhece, não o compreende? O fato da maioria dos graduandos não terem respondido ou terem apontado edificações de outros períodos históricos enquanto referência de memória paisagística, mostra como essa arquitetura ainda é desconhecida para eles, mesmo o tema constando nas grades curriculares e na paisagem da cidade as quais abrangem o formalismo edilício e toda a dinâmica estética e histórica que o envolve.

Portanto, no caso da Arquitetura Moderna em Maceió, sua ruína não se traduz simplesmente pela destruição física dos edifícios. Estes, de alguma forma, sobrevivem em rastros de registros e memória, mas tal vitalidade está desconectada da vida cultural local, invisível mesmo dentro da dinâmica da formação e entendimento de futuros arquitetos. Estes, talvez, nunca venham a perceber, por

exemplo, que através de um dos eixos de penetração mais utilizados da cidade, a Avenida Fernandes Lima – um sistema viário reto e extenso, conectivo e expansivo – Maceió alcançou o sucesso que a arquitetura da época não conheceu...

## REFERÊNCIAS

- AMARAL, Vanine. **Expressões Arquitetônicas de Modernidade em Maceió**: uma perspectiva de preservação. 2009. 176 p. Dissertação de Mestrado Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2009.
- AMORIM, Luiz. **Obituário arquitetônico**: Pernambuco modernista. FUNCULTURA, 2007.
- BARDI, Lina Bo. **Contribuição propedêutica ao ensaio da teoria da arquitetura**. São Paulo: Instituto Lina Bo Bardi, 2002.
- BARDI, Lina Bo. **Lina Bo Bardi**. São Paulo: Empresa das Artes,
- BOTTON, Alan de. **A arquitetura da felicidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.
- CASSELLA, Tamires. **Entre o eterno e o efêmero**: revisando o reconhecimento patrimonial da Arquitetura Moderna em Maceió AL. 2017. 93 p. Trabalho final de graduação Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, 2017.
- CASSELLA, Tamires. **Imagens-memória**: narrativas fotográficas da arquitetura moderna de Maceió. 2021. 215 p. Dissertação de Mestrado Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2021.
- COSTA, Lúcio. Lúcio Costa: **Registro de uma vivência**. São Paulo: Empresa das Artes, 1995.
- COOPER, Jorge. **Poesia Completa**. Maceió: Cepal, 2010.
- DERRIDA, J. **Gramatologia**. Trad. Míriam Chnaiderman e Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2008.
- FORTY, Adrian; KUCHLER, Susanne. **The Art of Forgetting**. Nova Iorque: Berg, 2001.
- HARVEY, David. **A condição pós moderna**: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 1992.
- LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. São Paulo: Editora da UNICAMP, 1996.
- OLIVEIRA, Roseline Vanessa Santos; Et al. **Maceió em Foco**: Impressões sobre imagens e o imaginário da cidade. In: Revista Projetar: projeto e percepção do meio ambiente. Natal: UFRN, 2016. 126 138 pp.
- POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. 1989. Disponível em: <<https://bit.ly/2JUalpi>>. Acesso em: 18/05/2021 às 12h.
- REVISTA AU ARQUITETURA E URBANISMO. **Lina Bo Bardi**. Ano 08. São Paulo: Editora PINI, 1992. pp. 21 41.
- SILVA, Maria Angélica da. **Arquitetura Moderna**: A Atitude Alagoana. Maceió: SERGASA, 1991.
- TORRES, Rodolfo. **Do Erodito ao Frugal**: Proposta Arquitetônica para o Alagoinha, Maceió, Brasil. 2017. 169 p. Trabalho final de graduação Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Alagoas, 2017.